



Fonte : CAVE

# Simulação em Saúde Militar

**A simulação é uma ferramenta incontornável na formação inicial e contínua dos profissionais de saúde. É crucial planear situações que sejam o mais reais possíveis, mas num ambiente pedagógico e seguro**

Texto : Ten Ts Bráulio Sousa | Coordenador Adjunto do Módulo de Formação e Simulação

**N**a saúde, a simulação ocupa um lugar relevante há muito anos. Desde o início do séc XVIII que se conhece a utilização de manequins de parto e de modelos anatómicos, como auxiliares de ensino/aprendizagem. No século XIX foram desenvolvidos simuladores de habilidades que no século seguinte, conheceram um significativo avanço, com a introdução do plástico na construção de manequins.

A simulação em saúde, muitas vezes auxiliada por inúmeros avanços, científicos, tecnoló-

**...é crucial a manutenção e treino de competências dos nossos profissionais de saúde. O contexto militar contempla adicionalmente o de treino pessoas externas ao serviço de saúde, para realizar procedimentos técnicos específicos em ambientes remotos ou hostis onde as equipas de saúde adequadas podem não estar presentes em tempo útil e o próprio equipamento é limitado ao transportado por cada operacional."**

[Ten Ts Bráulio Sousa]

gicos e inovações vindas das bioengenharias, é um tema incontornável, na atualidade. Se por um lado é eticamente questionável instrumentalizar os nossos utentes durante a prestação de cuidados, por outro é crucial a manutenção e treino de competências dos nossos profissionais de saúde. O contexto militar contempla adicionalmente o treino de pessoal militar não pertencente ao serviço de saúde, para realizar procedimentos técnicos específicos em ambientes remotos ou hostis, onde as equipas de saúde adequadas podem não estar presentes em tempo útil.

A simulação em saúde surge-nos como uma ferramenta a implementar de forma inequívoca nos planos formativos, sejam eles de formação inicial ou contínua, pois proporcionam campos de experiências ativas e sistemáticas de aprendizagem, que potenciam o desenvolvimento de competências técnicas e não técnicas, incluindo as competências comunicacionais e de interação de equipas, demonstração de conhecimentos e habilidades, atitudes e comportamentos, de forma totalmente segura, com possibilidade de repetição, oportunidade esta, que, mesmo no ambiente de combate real, não existiria.

A representação da realidade clínica e da envolvimento dos ambientes operacionais, torna-se fundamental no contexto militar. Muitos destes ambientes são de tal modo arriscados que não seria justificável a exposição aos mesmos dos nossos militares, porém é essencial treinar nesses

contextos, sob pena de não conseguirmos manter a nossa própria segurança num teatro real de operações. A saúde militar é precisamente uma das vertentes operacionais que necessita de treino nestas condições adversas.

Asmund Laerdal, industrial norueguês, e um dos principais impulsionadores da história recente da simulação em saúde, foi pioneiro em 1960 no desenvolvimento de simuladores de treino de suporte de vida. No entanto, a simulação, enquanto técnica de formação não depende apenas de tecnologia, tendo sido também relevada, a partir desta altura a simulação com recurso a atores que simulam doentes reais. O primeiro simulador







humano de corpo inteiro aparece em 1966, pela Universidade de Soutern, para ajudar a tornar mais realista a formação de anesthesiologistas. Os simuladores cirúrgicos aparecem-nos na década de 1990. Ainda nesta década, mas sobretudo nas seguintes, começam a surgir os simuladores de realidade virtual.

No nosso país, a simulação em saúde também não é um tema novo. Contudo, só começa a ser mais visível a partir de 1970 e é apenas em 2003 que é criado o primeiro centro de simulação, localizado no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

No contexto das operações militares, a simulação surge-nos como uma das opções pedagógicas mais promissoras, pois permite colmatar as dificuldades em formar adequadamente os profissionais de saúde para atuar no ambiente opera-

cional. Este parece ser um contributo efetivo para o incremento da segurança, melhoria da eficácia, dos cuidados de saúde operacional em geral e dos cuidados ao doente crítico em particular. Neste contexto, estão em curso no Exército alguns projetos de integração da simulação na saúde operacional.

As ferramentas de simulação de atos médicos, podem ser extremamente complexas, mas também encontramos soluções simples, projetadas consoante o objetivo pedagógico específico. Os jogos virtuais, partes anatómicas, manequins de meio corpo e de corpo inteiro, sejam eles de baixa, média ou alta fidelidade, simuladores com soluções de realidade aumentada, atores previamente instruídos para atuar como doentes, por vezes com fatos que permitem simular procedimentos invasivos como cirurgias, são opções

formativas disponíveis para os formadores (ou facilitadores) da simulação.

Para garantir a eficiência da formação, é geralmente desenvolvido um cenário que consiga transportar o formando para uma realidade semelhante ao teatro de operações, quer em incidentes, dificuldades ou *stress* (ambiente imersivo). Com este propósito é de referir o Centro de Saúde Militar de Coimbra (Polo de Formação) com oferta certificada em *Tactical Combat Casualty Care*. Antes de iniciar a prática simulada é feita uma reunião para que todos compreendam o cenário proposto e de seguida dá-se início ao exercício. É neste momento que o formando pode adquirir conhecimentos através da experimentação, prática de repetição, avaliação de consequências da ação, que não seria possível vivenciar de outro modo sem comprometer a segurança dos próprios formandos.

No final, após o desenvolvimento da prática simulada, a técnica obriga a uma reflexão sobre o que foi feito. A isto chamamos revisão após a ação, sendo este o momento mais enriquecedor da formação com recurso à simulação. É aqui que o formando liga o conhecimento teórico à sua aplicação prática, às boas práticas, orientações, compreendendo, do ponto de vista individual e de grupo as suas reais capacidades de intervenção num contexto real.

A integração das ferramentas de simulação em saúde operacional, permite a todos os militares a aquisição de competências de socorro, garantindo uma maior probabilidade de sobrevivência dos feridos em combate, até à chegada dos elementos do serviço de saúde, e a estes, o treino técnico e tático adequado a fornecer cuidados de saúde avançados.

A simulação permite também executar trabalhos de investigação aplicada, abrangendo diversas áreas desde a tática operacional, à saúde mental, podendo até abranger estudos epidemiológicos, em voga nos tempos atuais.

A simulação é pois, uma ferramenta incontornável na formação inicial e contínua dos profissionais de saúde. Quando pensamos especifica-

mente na vertente operacional da saúde militar, é crucial planear situações cujo envolvimento seja o mais realístico possível mas, simultaneamente, um ambiente pedagógico e seguro.

A visão integradora que a simulação em saúde militar permite, facilita a convergência para o desejado ponto de equilíbrio entre a adequada prestação de cuidados, o cumprimento da missão e a execução da manobra tática.

Nem sempre os melhores cuidados são compatíveis com a tática e vice-versa. A simulação em saúde militar contribui para a sua compatibilização. ☪

